

## Despertei

Pamella Oliveira<sup>1</sup>

*Quem sou eu para falar de amor;  
Se o amor me consumiu até a espinha.*  
(Chico Buarque)

Despertei. E, sem abrir os olhos, senti que ele saía da cama pé-ante-pé para não me acordar, senti quando me olhou, já de pé, e senti o seu riso, talvez provocado pelo rímel mal tirado na véspera e que agora me deixava com aspecto de panda. Abri os olhos ainda a tempo de vê-lo encostar a porta para que não me acordasse com todo o barulho que ele costuma fazer de manhã, sem saber que eu despertava só pela ausência do cheiro dele na cama. Ouvi o rádio, ouvi meu horóscopo e o dele, com direito a comentários, depois ouvi o hit do momento, que ele cantava mais alto que o rádio e ri. Hoje fazia 4 meses desde que ele entrou na minha vida e eu não conseguia sair do êxtase que ele me proporcionava todos os dias desde que chegou. Eu não queria mais trabalhar, nem ir pra faculdade, nem ver meus amigos (por vezes nem me lembrava que tinha), só queria vê-lo, e só isso. Esqueci da minha família e vez ou outra minha mãe ligava reclamando minha ausência. Eu não me importava.

Me sentia a pior das espécies por não ter tido a oportunidade de fazer com que ele fosse o primeiro homem a quem eu pudesse pertencer de fato. Sim, fui eu quem não teve a oportunidade. Na nossa primeira vez tudo aconteceu depressa, sem que eu pudesse, nem mesmo, dar conta do que acontecia: as horas passavam rápido, os meus pais no quarto ao lado, o hotel, a cama, a saia levantada, os suores. Esqueci todos os meus temores e o ele poderia julgar sobre meu corpo quando ele ajeitou sua cabeça entre as minhas pernas e me deixou, por alguns segundos, sem nenhuma visão ou noção do mundo e com formigas no corpo todo. A ansiedade não deixou que nos lembrássemos de pequenos detalhes artificiais e, pela primeira vez, pude sentir todo aquele líquido dentro de mim, e sabia que não me

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela UFJF.

pertencia. Não me pertencia antes, mas fazia parte de mim agora, como se estivesse entranhado em mim a partir daquele momento.

E ele se mostrava, a cada dia, uma pessoa mais insuportavelmente idêntica ao que eu sempre idealizava. Cada gesto, toque ou palavra era displicentemente previsto por mim. Ele tinha tudo que eu sempre quis achar em um homem: as mãos grandes, os dedos largos, braços protetores, um cheiro único e irresistível que superava qualquer perfume. Todos os seus passos eram detalhadamente antevistos por mim. Eu sabia de tudo o que ele fazia e eu era sua dona. Ele me pertencia por completo. Já não existia ele sem mim, eu sabia. Até mesmo quando ele me irritava era da forma que eu sempre achei que seria e que eu não saberia mudar caso eu pudesse. Mesmo que muitas vezes eu sentisse que não o conhecia, ainda assim eu sentia que sabia tudo que eu precisava saber. Nunca o ouvi falar de seus pais, seu passado era como se não existisse. E não existia. Sua vida começou comigo assim como a minha começou com ele.

Então, naquele dia, eu me levantei. Tirei o pijama e coloquei uma roupa confortável. Era sábado. Tinha sol. Na mesa, algumas panquecas e ele. Tudo meu e eu me senti rainha. E só me disse uma palavra, que foi tão cortante que talvez fosse melhor que tivesse me escrito uma tese: “Acabou”. Olhou pra mim após ter rido ao sair da cama, me encarou como se não tivesse dividido a cama comigo naquela noite, me disse como se nossas roupas não dividissem o mesmo armário ou como se não vivêssemos a mesma vida agora. Não tive nenhuma reação imediata, não chorei, não gritei, nem nada que eu sempre pensei que pudesse fazer nesse caso, embora com ele eu jamais houvesse pensado em um fim. Era surreal um fim. Me disse que eu esperava demais. Eu sentia demais. Eu não abri a boca e ele se levantou. Tive vontade de perguntar o porquê e sabia que nem ele saberia, ele não estava pensando direito, ele estava confuso. Era isso e eu precisava livrá-lo desse pensamento medonho que era me deixar sozinha nessa vida que já havia se adequado de maneira tão uniforme à dele que eu não poderia mais separá-las sem graves sequelas para mim.

Entrei no quarto enquanto ele arrumava suas coisas calmamente e tentava me explicar o quanto eu havia me mostrado obsessiva. De costas, ele não podia ver enquanto eu lentamente desligava o abajur da tomada. Arrumou suas camisas de cores mais escuras por baixo enquanto eu ajeitava a luminária na minha mão direita. Agora, vagorosamente, dobrava

e colocava as camisas claras sobre as escuras, e eu me aproximava dele com um desejo enorme de abraçá-lo, mas eu sabia o que devia ser feito. Enquanto ele dizia o quanto eu seria feliz quando encontrasse outra pessoa, eu descia minha arma de encontro a cabeça dele, mais precisamente na área da têmpora para que ele desmaiasse rápido.

No primeiro golpe, só sangue e nenhuma reação. Caído na cama, agora ele me olhava com olhos secos de pavor e surpresa. Expressão que eu nunca mais me esqueceria, tamanha cicatriz que me causou, mas eu sabia que era o certo a fazer. Ele estava fora de si. Eu era a vida dele agora, não existia nada além de nós. Ajoelhei em cima de sua barriga e continuei a bater e bater e bater e bater até não haver mais com o que e eu já não mais reconhecer seu rosto. E quando olhei não reconheci mais. Deitada ao seu lado eu disse o quanto eu queria ter aproveitado mais os nossos momentos e como eu queria que aquilo fosse só um sonho. Mas ele não me respondeu nada, apenas me ouviu.

Então, despertei. E, antes mesmo que ele pudesse acordar, peguei a luminária.